

## RESENHA DE “A IDEIA DE TEMPO” DE HENRI BERGSON<sup>1</sup>

Fábio Ferreira de Almeida<sup>2,3</sup>

[fabioferreiradealmeida@gmail.com](mailto:fabioferreiradealmeida@gmail.com)

**Obra resenhada:** BERGSON, Henri. *A ideia de tempo*. Curso no Collège de France (1901-1902). Tradução: Débora Cristina Morato Pinto. São Paulo: Editora Unesp, 2022, 314 pp.

Certamente é apenas uma coincidência que a publicação desta tradução do curso que Bergson proferiu no *Collège de France* tenha se dado no ano do centenário da publicação do livro em que o filósofo discute a teoria einsteiniana da Relatividade, *Duração e simultaneidade*, efeméride à qual a *Revista Philósophos* dedica o presente dossiê. Como já é bem sabido, Einstein publicará seu artigo revolucionário sobre a Relatividade no ano de 1905, o que lhe renderá fama internacional. Somente em 1922, após uma visita de Einstein à França, a convite de Paul Langevin, Bergson entrará de fato em contato com a teoria, o que dará origem a seu estudo, publicado naquele mesmo ano. Neste curso, o leitor, na verdade, é colocado diante do próprio esforço bergsoniano de expressão do pensamento, de modo que, se já conhecer sua

---

<sup>1</sup> Recebido: 18-03-2023/ Aceito: 21-03-2023/ Publicado on-line: 09-04-2023.

<sup>2</sup> É professor na Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil.

<sup>3</sup> ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7168-1972>.

interpretação da Relatividade, poderá muito bem identificar os fundamentos da reação do filósofo à teoria. Como veremos mais adiante, as imagens é que constituem a via mais segura para a exteriorização da ideia.

Merece destaque, inicialmente, o fato de agora termos acesso, em língua brasileira, a mais um dos cursos<sup>4</sup> de Bergson que, de fato, permitem a estudiosos, estudantes e a todo leitor interessado se aproximar com mais facilidade de como vai se construindo esta que foi uma das filosofias mais influentes do século XX. A competente tradução de Débora Cristina Morato Pinto do curso sobre “A ideia de tempo” é fiel à edição publicada em 2019 pela Presses Universitaires de France sob a coordenação Gabriel Meyer-Bisch, que assina a apresentação e as notas ao texto. Este reproduz, da primeira à décima primeira aula, a transcrição feita por Ernest Psichari; a décima segunda e a décima terceira aula são a transcrição de Jacques Chevalier, e o restante do curso é a fiel transcrição dos irmãos Corcos, feita a pedido de Charles Péguy.

É bem conhecida a unidade do pensamento de Henri Bergson, bem como a regularidade com que sua filosofia se elabora. Pode ser tomado como indício dessa regularidade o fato – anedótico, mas sempre lembrado – de que a vida do filósofo está igualmente dividida entre dois séculos: de fato, ele viveu os quarenta e um últimos anos do século XIX e os primeiros quarenta e um anos do século XX. Essas duas metades da vida são marcadas, a primeira, pela publicação de seus dois primeiros grandes livros, *Ensaio sobre os dados imedi-*

---

<sup>4</sup> Do magistério de Bergson, já tínhamos em tradução brasileiras edições de suas *Aulas de psicologia e metafísica* (Martins Fontes, 2014) e dos *Cursos sobre filosofia grega* (Martins Fontes, 2005).

*atos da consciência* (1889) e *Matéria e memória* (1896), e a segunda pelos dois últimos, *A evolução criadora* (1907) e *As duas fontes da moral e da religião* (1932).<sup>5</sup> Se tivermos em conta esse desenvolvimento de seu pensamento, o curso sobre *A ideia de tempo* adquire uma significação suplementar, já que se situa exatamente no ponto de junção destas duas metades da vida e da obra. Embora seja certamente simplificador, não seria um exagero afirmar que o que o início do novo século assinala é uma espécie de ponto de clivagem entre a preocupação metafísica de Bergson com o problema da liberdade e a importância cada vez maior que o tema metafísico da vida vai assumindo em sua meditação. Entre liberdade e vida, é a ideia de tempo que estabelece a continuidade para a reflexão. Parece que é deste modo que podemos compreender, hoje, o significado deste curso que se inicia com as seguintes palavras: “Abordaremos dois problemas: o do tempo e o do conhecimento conceitual” (p. 17).

A continuidade é o traço mais característico da filosofia bergsoniana. Este curso ilustra muito bem de que modo, no auge do desenvolvimento de sua doutrina, a questão da liberdade forma com a vida aquela unidade que será elaborada no livro mais maduro de Bergson, aquele que, embora retrospectivamente já se pode perceber anunciado nesta reflexão sobre a ideia de tempo, e mesmo antes, só poderia ser escrito, de fato, depois que o pensamento tivesse cumprido sua tra-

---

<sup>5</sup> Estes “grandes livros”, como afirma Henri Gouhier no importante prefácio à edição do Centenário das obras completas de Bergson, contém toda sua filosofia, todo seu “sistema”. Mas esse núcleo da obra, por certo, não diminui a importância dos outros livros. Além de *Duração e simultaneidade* (1922), há ainda a tese latina, *O que Aristóteles pensou sobre o lugar* (1889), *O riso* (1900) e as duas coletâneas de artigos e conferências organizadas pelo próprio Bergson: *A energia espiritual* (1919) e *O pensamento e o movente* (1934).

jetória de amadurecimento: *As duas fontes da moral e da religião*. Pois, no fundo de toda sua meditação, e é isso que o título desse último *grande livro* também sugere, está, na verdade, um conflito: o conflito entre o homem e o universo; um embate, que a filosofia muitas vezes reprimiu, entre uma antropologia e uma ontologia, entre o homem e o todo que o cerca. Em termos mais próximos do vocabulário bergsoniano, diríamos: o conflito entre a *matéria* que liga o homem à totalidade e o *pensamento* que, na medida em que revela o homem a si mesmo, é o instrumento com que ele se insere nessa totalidade, terminando por se impor a ela. Esse conflito foi o que, de acordo com o diagnóstico que abre o livro *O pensamento e o movente*, custou à filosofia a *precisão* que deve caracterizá-la. É assim que a filosofia, pelo menos toda a filosofia que seguiu a tendência – demasiado humana – de analisar e, da análise, extrair conceitos, ou seja, seguir a orientação natural do pensamento, acaba imobilizada em sistemas e escolas. Na décima aula, explorando o modo como Descartes e Kant trataram o problema do tempo, sua continuidade ou descontinuidade, Bergson postula: “Não há objeto material que não seja ligado ao resto do universo” (p. 85). E um pouco mais adiante: “O próprio universo evoluindo, a mudança universal, aí está o tempo” (p. 86).

A ideia de tempo, portanto, não pode ser perseguida no interior da consciência – como queriam, de modo geral, os idealistas – nem tampouco naquela célebre imagem da mudança segundo o antes e o depois – perspectiva que, também de modo geral, é a do realismo. Dito de outro modo, a ideia de tempo não pode ser apreendida nem segundo uma psico-

logia, nem segundo uma gnosiologia. Onde, então? Esta pergunta é a principal artimanha de *malin génie* bergsoniano, pois o esforço em respondê-la devolve a inteligência à orientação natural que convida quase que irresistivelmente a confundir tempo e espaço e, assim, encerra a meditação entre duas margens bem nítidas, uma única vereda. Na décima primeira aula, Bergson afirma:

A confusão do tempo com o espaço leva a dificuldades intransponíveis. Quando pensamos no tempo, pensamos em pontos sobre uma linha, em elementos justapostos e simultâneos. Se pensamos o tempo através do espaço, ele perde a continuidade e a heterogeneidade. É um grande rio homogêneo que corre no leito do espaço. Além disso, o tempo se torna exterior a todos os seres, pois pensamos na duração em geral. Essa representação do tempo através do espaço contamina o tempo. O tempo também marca o espaço. O espaço de Kant é, em parte feito de duração. (p. 96)

Uma meditação sobre a ideia de tempo, então, exige o esforço de abdicar da localização; abdicar daquele “onde”. E este, diria, é o aspecto revolucionário do bergsonismo que Gilles Deleuze, um de seus melhores leitores, viu bem:

Bergson não é desses filósofos que atribuem à filosofia uma sabedoria e um equilíbrio propriamente humanos. Abrir-nos ao inumano e ao além-do-humano [*surhumain*] (*durações* inferiores ou superiores à nossa), superar a condição humana, tal é o sentido da filosofia, uma vez que nossa condição nos condena a viver entre mistos mal analisados e a sermos, nós próprios, um misto mal analisado (DELEUZE, 1968, p. 19).

Para quem já tiver lido o célebre ensaio de *Introdução à metafísica*, não será difícil perceber as convergências entre os temas tratados nessas aulas e os deste texto publicado em 1903, na *Revue de métaphysique et de morale*. Aliás, em certo sentido,

esse curso pode ser tomado como uma introdução a este importante ensaio, que o filósofo incluirá, quase sem modificações, na coletânea *O pensamento e o movente*, último livro que publicou.<sup>6</sup>

Com efeito, a imagem da sonda, por exemplo, será literalmente retomada no ensaio de 1903 e revela a importância dessa análise do pensamento conceitual e o modo como está conectado ao problema do tempo<sup>7</sup>. O pensamento conceitual traduz o modo como o homem se destaca da totalidade movente a fim de responder às exigências da vida prática; inserindo nessa totalidade a negação, o homem pode, afinal, criar as condições para se mover em solo seguro. É através da fabricação de tais discontinuidades que ele se situa no mundo, isto é, em meio às coisas, em meio a tudo que é ou, para empregar a expressão heideggeriana, em meio ao *ente em sua totalidade*. É pela negatividade, em suma, que o pensamento encontra clareza e distinção, as certezas de que o conhecimento necessita, desde Platão até Husserl. A ciência que esse conhecimento elabora, eis a constatação da metafísica, não provém do real ele mesmo, ou seja, da “novidade radical”, do “jorro constante de imprevisível novidade”<sup>8</sup> que é a essência *da totalidade de tudo o que é* ou, se quisermos, da *physis*. Este conhecimento que se elabora por meio dos símbolos da linguagem que constituem a base da vida social, no

---

<sup>6</sup> Na décima quarta aula, de 11 de abril de 1902, quando Bergson anuncia que, depois de ter estudado o tema da duração, passará ao exame do conceito, Meyer-Bisch anota: “Nas páginas seguintes, assim como no início do curso de 1902-1903 sobre a história da ideia de tempo, Bergson tratará dos temas que serão abordados na *Introdução à metafísica*, publicada em janeiro de 1903 na *Revue de métaphysique et de morale*, e da qual “boa parte” foi provavelmente escrita durante o verão de 1902” (p. 122, nota 124).

<sup>7</sup> A transição do problema do tempo para o problema do conhecimento conceitual se dá em abril, décima quarta e décima quinta sessões.

<sup>8</sup> Todas essas são expressões do texto, dividido em duas partes, inserido como Introdução à coletânea *O pensamento e o movente*.

entanto, se ligam à realidade por essa “sonda” que a intuição lança ao fundo das coisas. E vale a pena destacar aqui o alcance dessa imagem que, de fato, ultrapassa o que poderia um conceito<sup>9</sup>: ao mesmo tempo que liga as ciências à “duração real”, a sonda também a afasta dessa totalidade que é mudança, mantendo-a em lugar seguro; o grão de areia seco ao sol e distinto de tudo mais que o rodeia, não está mais integrado ao fundo escuro, contínuo e inapreensível do qual foi retirado por um “golpe de sonda” mas, ainda assim, traz para superfície alguma lembrança de lá e nela se fixa como a recordar que aquilo a que ela serve jamais esgotará a mobilidade; e que a inteligência, que se elabora e progride a partir daquele impulso que vem do fundo, daquele elã, jamais alcançará a profundidade que a sonda tocou, por mais que esteja ligada a ela.

Eu falava de um lançamento de sonda realizado no fundo do oceano para dele retirar alguma coisa. O que sai é a areia, areia úmida, movente, fervilhante, móvel; uma vez colocada sob o sol, ela seca, se pulveriza, os grãos de areia se dissociam, temos algo imóvel e em partes, em elementos descontínuos.

Foi isso que ocorreu com a ciência. As grandes descobertas foram feitas por intuições como as que acabei de descrever, golpes de sonda lançados na duração. Esse lançamento de sonda trouxe alguma coisa e, à luz da inteligência discursiva, tornou-se conceito, cristalizou-se necessariamente em conceito; o que era intuição viva, móvel como o próprio objeto dessa intuição, tornou-se conceito cristalizado, sólido, imóvel. (p. 226)

Mas a sonda também é como um fio; também é uma imagem da continuidade: ela une, sem cesura ou vazios, e

---

<sup>9</sup> É o “pensamento *en durée*”, que se expressa por imagens, que constitui a perspectiva da metafísica bergsoniana e que aproxima a sua meditação do que poetas e artistas buscam expressar. Sobre isso, ver Podoroga (2014).

por isso é capaz de manter a unidade entre a superfície e o fundo móvel e fervilhante, um pouco como o fio do colar que mantém unidas as pérolas que o formam, para novamente remeter à *Introdução à metafísica*. O pensamento conceitual é fruto desse afastamento, claro, pois “não se apreende pelo pensamento aquilo que há de móvel na realidade percebida” (p. 23). Por isso, ao contrário do que pode parecer a uma leitura apressada, não há em Bergson uma recusa do pensamento conceitual e, diferentemente de Husserl, nenhuma condenação por improbidade filosófica do conhecimento científico. Há, antes, uma *crítica*, no sentido kantiano do termo, desse conhecimento por conceitos, pela análise de que a inteligência é capaz, e que o distingue, da intuição que, por sua vez, acessa a pura mobilidade em que a sucessão ininterrupta, em que o fluxo que repele o vazio, impossibilita a superposição de pontos. A imagem geométrica da linha (ou da reta) é, por isso, inadequada. Antes, é o *fio* que não admite “simultaneidade”.

Assim, se algo negativo se insinua no anúncio de que o curso de 1901-1902 tratará do *problema* do tempo e do *problema* do conhecimento conceitual, a imagem da sonda supera essa tendência dicotômica que a linguagem reflete ou, ainda nos termos do ensaio de 1903 ao qual este curso está intimamente ligado, representa a via para “ultrapassar a condição humana”, que nada mais é que o próprio esforço de intuição, o esforço filosófico. Mas que não se enxergue nisso nada que possa ser identificado com uma dialética, ascendente ou descendente. Em mais de uma ocasião, mas especialmente na décima oitava aula, Bergson se demarca muito claramente de Platão. “O método platônico”, afirma ele, “é



um método que consiste em constituir uma grande geometria capaz de tudo abarcar...” (p. 206). A duração real, o tempo puro não é um ponto de chegada para a metafísica, como são as ideias para Platão, é o ponto de partida da intuição filosófica.

Este curso, portanto, lido acompanhando a cronologia do desenvolvimento do bergsonismo, ou estudado retrospectivamente, testemunha o convite que sua obra – e seu ensino – coloca para o estudioso: o de se inventar filosoficamente a si próprio. É essa lição de simplicidade que sobressai da leitura desta importante reflexão sobre “A ideia de tempo”. Resta esperar que a iniciativa dessa tradução seja o preâmbulo da publicação do curso que fica nele anunciado para o ano letivo seguinte, 1902-1903, sobre a “História da ideia de tempo”. Uma vez que, nos anexos, nos são dadas as anotações feitas por Jacques Chevalier do curso precedente, sobre a ideia de causa (pp. 247-305), o leitor brasileiro também poderia ter a oportunidade de compreender melhor a unidade e a evolução de um pensamento que marcou profunda e, portanto, decisivamente a filosofia contemporânea, e que, como toda grande filosofia, continua viva em nossos dias.

### Referências Bibliográficas

BERGSON, H. *O pensamento e o movente*. Paris: PUF, 1998.

DELEUZE, G. *Le bergsonisme*. Paris: PUF, 1968.

GOUHIER, H. “Introduction”. In BERGSON, H. *Oeuvres*. Édition du Centenaire. Paris: PUF, 1970, pp. vii-xxx.

PODOROGA, Ioulia. *Penser en durée*. Bergson au fil de ses images. Lousanne: Ed. L'Age d'Homme, 2014.